UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
EDUCAÇÃO FÍSICA BACHARELADO

RUTE RODRIGUES TEIXEIRA

PRÁTICAS CORPORAIS DA JUVENTUDE RELIGIOSA DA PIB (PRIMEIRA IGREJA BATISTA): UMA ANÁLISE NA CIDADE DE VITÓRIA - ES

Vitória – ES
2021

RUTE RODRIGUES TEIXEIRA

PRÁTICAS CORPORAIS DA JUVENTUDE RELIGIOSA DA PIB (PRIMEIRA IGREJA BATISTA): UMA ANÁLISE NA CIDADE DE VITÓRIA - ES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desporto, Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Educação Física.

Orientador (a): Profa. Dra. Ana Carolina Capellini Rigoni

Vitória – ES
2021

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 5
2 METODOLOGIA 7
3 REVISÃO TEÓRICA 10
3.1 Corpo na história 10
3.2 Corpo na Educação Física 12
3.3 Corpo e Religião 14
4 PESQUISA DE CAMPO 18
4.1 Análise das entrevistas 21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 36
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 38
7 ANEXOS 41
7.1 Anexo 1 41
7.2 Anexo 2 43

RESUMO

Em meados do século XX, o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta para uma transição religiosa que resulta no aumento significativo do número de evangélicos no país, com projeções para continuar aumentando. Sabe-se da notabilidade que o corpo possui no contexto evangélico, e como o corpo e as práticas corporais são também objeto de estudo da Educação Física (EF), esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de compreender e analisar como a juventude religiosa de uma denominação evangélica específica, a PIB, elabora sua relação com o corpo e as práticas corporais a partir da mediação da igreja. O método escolhido foi o qualitativo e o percurso metodológico, que inicialmente previa imersão em campo, foi readaptado por conta da pandemia de COVID-19, resultando na realização de entrevistas semiestruturadas através do *Skype* com os membros selecionados, bem como na organização e análise de conversas realizadas pelo aplicativo do *WhatsApp* em um grupo de jovens da igreja. A partir dos resultados obtidos pôde-se concluir que os discursos dos jovens apontam a PIB como uma igreja mais moderna, mais progressista quando comparada a diversas igrejas evangélicas do país, o que pode indicar certa liberdade por parte da igreja ao tratar de diversos assuntos, inclusive no que se refere ao corpo e às práticas corporais.
Palavras-chave: Práticas corporais; Corpo; Religião; Evangélicos; Igreja batista, Juventude.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o último Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010, o número de evangélicos no Brasil cresceu 61% desde 2000, totalizando aproximadamente 42 milhões de habitantes, cerca de 22% da população. Segundo estudiosos, em 2020, o número de evangélicos tende a ultrapassar o de católicos no país, expectativa essa que rompe a tradição na qual a maioria da população religiosa era católica.

As igrejas evangélicas são subdivididas em denominações, pois possuem similaridades em suas crenças e práticas, contudo, diferem nas doutrinas ensinadas. Portanto, uma denominação é formada por uma associação de congregações que assume as mesmas crenças e credos da igreja fundadora (RHODES, 2015).

Através da leitura de *The Complete Guide to Christian Denominations* (RHODES, 2015) e também do último senso religioso é possível constatar que há uma grande variedade de denominações e que elas aumentam todos os dias. Todas elas, a seu modo, ensinam a respeito da vida cristã e seus valores morais de acordo com a sua interpretação da Bíblia. Apesar da pluralidade e diferença entre as denominações, é possível perceber um elemento em comum entre elas: todas consideram o corpo como peça chave no que diz respeito aos cuidados que se deve ter para alcançar a Deus.

Para os religiosos, especialmente os evangélicos, o corpo é percebido como morada de Deus e por isso, é importante que os usos que se faz dele estejam voltados à santificação e não as coisas consideradas “mundanas”[1]. Assim sendo, é muito comum que as diversas denominações evangélicas tenham um tipo de educação dos comportamentos que preze por estes cuidados e vigilância do corpo. São diversas as “interdições” como, por exemplo, não consumir álcool ou drogas, não ter relações sexuais antes do casamento e, inclusive, não se envolver com determinadas práticas corporais (dentre as mais corriqueiras proibições estão a dança e a capoeira).

A partir destas questões, surgiram alguns questionamentos em relação aos membros de uma denominação específica, a Primeira Igreja Batista (PIB), da qual,

[1] Relativo ou próprio do mundo e antagônico ao que é espiritual.

atualmente, eu sou frequentadora e membro. Por muitos anos, fui membro de uma igreja mais tradicional e conservadora muito parecida com a Congregação Cristã, e notei algumas diferenças relevantes para essa pesquisa. Apesar das pregações possuírem basicamente o mesmo conteúdo, na PIB era possível identificar certa liberdade e menos restrição em relação aos costumes se comparado a outras igrejas. Um exemplo diz respeito a pregação (exposição da Palavra), que pode ser realizada por uma mulher sendo que, em algumas denominações isto é impraticável e/ou até mesmo considerado uma afronta a Deus.

Diante destas questões passei a dar atenção para os modos como os jovens que pertencem ao grupo do qual faço parte pensam sobre determinadas práticas, pois parece que a PIB não possui as mesmas restrições, no que se refere às práticas corporais, já que ela é considerada uma igreja mais "moderna" e menos conservadora que parte significativa das igrejas evangélicas tradicionais. Se para as igrejas evangélicas mais tradicionais as restrições são mais explícitas, na PIB, no entanto os limites entre o que é "permitido" e "desaconselhável" parecem ficar a critério do próprio fiel e por isso, nos perguntamos sobre o modo como seus membros lidam com estas questões.

A PIB consiste em uma denominação histórica que está vinculada à Convenção Batista Brasileira (CBB) – órgão que possui um padrão doutrinário e unifica o esforço cooperativo das igrejas batistas do Brasil. De acordo com as diretrizes da própria CBB[2], ainda que haja um padrão entre as igrejas Batistas uma coisa nos chama a atenção: a autonomia das comunidades locais. Talvez seja por conta desta autonomia que as igrejas batistas possuem que podemos perceber diferenças nas pregações direcionadas aos membros. Em termos de pregação e educação das crianças e jovens na PIB, não existe claramente uma restrição de práticas corporais (ou se tem, não é explícita). Ao contrário das igrejas pesquisadas por RIGONI (2008; 2013), por exemplo, nas quais grande parte dos alunos evangélicos (principalmente as meninas) se recusava a dançar, a aprender capoeira, a jogar futebol e a participar de qualquer prática que provocasse contato corporal e sentimentos de competitividade. Para aqueles evangélicos, por ela estudados, estas eram práticas que não agradavam a Deus.

[2] Acessado última vez em 22/07/2021. Link de acesso: http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21

Em conversas informais com alguns jovens da igreja, uma PIB da cidade de Vitória, perguntei se eles já se sentiram “impedidos” de realizar alguma prática corporal por conta de alguma restrição religiosa. Naquele momento, a maioria respondeu que não, inclusive citando algumas atividades físicas e/ou esportes que gostavam de praticar. Entretanto, alguns me procuraram no âmbito particular para comentar sobre o assunto. O interessante foi perceber que mesmo aqueles que afirmaram não se sentirem “impedidos” pela igreja, relataram algumas práticas corporais que realizaram ou gostariam de realizar e que, por algum motivo, não quiseram expor no grupo. Dentre essas práticas estava a dança do ventre e o *pole dance*[3], por exemplo. Neste sentido, o problema que se coloca é justamente por que estes jovens se sentem constrangidos e preferem não compartilhar com os outros, algumas de suas práticas ou desejos, mesmo afirmando que se sentem livres na igreja.

Isto posto, esta pesquisa se propôs a investigar como os membros jovens de uma PIB da cidade de Vitória (ES) entendem e se relacionam com as práticas corporais e porque, mesmo não sendo proibidos de nada (aparentemente), existem práticas que consideram desaconselháveis. Dito de outro modo, a intenção foi compreender por que existem algumas práticas que eles não realizam ou se realizam por algum motivo, não acham “correto” ou preferem que os outros não saibam.

Desse modo, o objetivo dessa pesquisa foi compreender como os jovens da PIB elaboram sua relação com o corpo e as práticas corporais a partir da mediação da igreja. A intenção foi analisar, especificamente, o modo como eles vão estabelecendo critérios para considerar determinadas práticas passíveis de serem compartilhadas com outros membros ou não.

2 METODOLOGIA

Optamos pelo modelo qualitativo, pois compreendemos que, assim como alguns cientistas, o conhecimento do mundo humano não pode ser reduzido a uma relação funcional de causa e efeito medida com uma função matemática (SEVERINO, 2007).

[3] O *pole dance* pode ser considerado uma forma de dança e ginástica em que o (a) dançarino (a) realiza sua *performance* utilizando como elemento uma barra de metal. Os movimentos utilizados incluem passos de dança, movimentos ginásticos e acrobacias circenses. Acessado pela última vez em 22/07/2021. Links de acesso: https://arademulher.r7.com/curiosidades/pole-dance/ https://pt.wikipedia.org/wiki/Pole_dance

É fundamental apontar para a neutralidade e objetividade da pesquisa, pois como Goldenberg (2004, p. 17) afirma, “a pesquisa é uma atividade neutra e objetiva, que busca descobrir regularidades ou leis, em que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preceitos e crenças contaminem a pesquisa”.

O referencial teórico utilizado foi o da Antropologia e da Educação Física e o percurso metodológico, que inicialmente previa imersão em campo, foi readaptado[4], resultando na organização e análise de conversas realizadas pelo aplicativo do *WhatsApp*, em um grupo com cerca de 200 jovens da igreja, bem como na realização de entrevistas semiestruturadas com os membros selecionados. É importante ressaltar que todos os jovens do grupo estão cientes e de acordo com o uso destes dados.

As novas tecnologias tem impactado a vida moderna, abrangendo também a área do ensino e da pesquisa. Mais de seis bilhões de pessoas no mundo possuem acesso a telefones móveis – um alcance maior do que a condições de saneamento básico. (LIMA; ALMEIDA; CAVALCANTE, 2017). Com a chegada da pandemia de COVID-19 ao Brasil, os estudos que antes eram feitos de maneira presencial, em contato físico com a população, não poderiam acontecer durante os períodos de quarentena. Sendo assim, para que as pesquisas científicas dessa categoria continuassem sendo produzidas, as novas tecnologias, como *WhatsAp* e *Skype*, por exemplo, se tornaram, ainda mais, uma grande aliada na atual realidade.

A entrevista é uma estratégia fundamental quando se deseja coletar dados sobre o modo como os sujeitos percebem e significam sua realidade permitindo descrever e compreender a lógica que atua nas relações estabelecidas no interior de determinado grupo (DUARTE, 2004). A entrevista semiestruturada se baseia em um roteiro com perguntas abertas feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas que pode variar de acordo com as características de cada entrevistado, embasado nos objetivos da pesquisa (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 188).

[4] Em fevereiro de 2020 a pandemia de COVID-19 (coronavírus) chegou ao Brasil, inicialmente no estado de São Paulo, porém, rapidamente confirmada transmissão comunitária avançando por todo o país. Por conta disso, uma das medidas adotadas pelo Governo Federal foi o isolamento social impedindo a abertura de vários estabelecimentos. Com isso, as igrejas suspenderam os cultos e atividades presenciais.

As entrevistas foram realizadas via *Skype* com cinco jovens membros de uma Primeira Igreja Batista da cidade de Vitória, localizada na região Sudeste do estado do Espírito Santo. Como critério de seleção desses jovens para a pesquisa, eles deveriam ser tanto homens quanto mulheres, com idade entre 18 e 30 anos, e, estarem minimamente envolvidos com as atividades que o grupo de jovens realiza. Convidei, individualmente, os jovens que participaram do grupo de *WhatsApp* e dos que atendiam aos critérios para seleção, cinco aceitaram participar das entrevistas. Os entrevistados selecionados não foram, necessariamente, as mesmas pessoas que participaram da conversa no grupo de *WhatsApp*.

Os jovens que participaram das entrevistas são de classe média e todos estão cursando ou já cursaram uma faculdade. Para assegurar o anonimato das pessoas envolvidas, utilizaram-se nomes fictícios. Mateus, branco, 29 anos e Marcos, negro, 27 anos, são casados e moram com suas esposas. Marta, negra, 26 anos, é solteira e mora com os pais, enquanto Maria, negra, 23 anos e João, negro, 23 anos também são solteiros, mas moram sozinhos. Todos eles já frequentaram outras igrejas antes da PIB, inclusive desde muito novos. Mateus, Lucas e João sempre fizeram parte de igrejas de denominação batista; Maria iniciou em igrejas batistas até os 14 anos, depois, de 2015 a 2017 frequentou uma igreja evangélica Aliança; Marta nasceu e cresceu na igreja Casa de Oração onde passou seus 23 anos juntamente com seus pais.

Foi utilizado um *smartphone* para gravar as entrevistas por meio da captação de áudio no momento em que estas foram realizadas através do aplicativo gravador de voz do próprio sistema do *smartphone*. As gravações foram transcritas em documento no Word, analisadas e revisadas pelas pesquisadoras.

Todos os jovens envolvidos e que participaram das entrevistas receberam as informações necessárias para aderirem à pesquisa, bem como assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que garantiu a eles a preservação de suas identidades e, ainda, a opção de se retirarem da pesquisa quando desejado. O projeto foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa e foi aprovado no dia 18 de setembro de 2019.

3 REVISÃO TEÓRICA

O censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vêm apontando para uma transição religiosa em meados do século XX, a partir do ano 1940, na qual os católicos representavam mais de 90% da população brasileira enquanto que os evangélicos não passavam de 3%. Nas últimas décadas, o número de evangélicos aumentou de 2,7% em 1940 para 22,2% em 2010; já na população católica, nota-se um declínio significativo de 95% em 1940 para 64,6% em 2010. As projeções para as próximas décadas são o aumento e declínio contínuo para, respectivamente, os evangélicos e os católicos. Segundo ALVES et. AL (2017) a previsão é que até 2030 as filiações católicas ficarão abaixo de 50%, o que romperia a longa tradição cultivada por décadas. Portanto, é inegável que concepções e conceitos sofreram e continuarão sofrendo mudanças e transformações na sociedade e sua forma de viver. O aumento significativo do número de evangélicos no país torna necessário o aumento das pesquisas sobre estes grupos nos diversos contextos.

3.1 Corpo na história

Antes dos tempos medievais a sociedade vivia e construía cenários com movimentos, migrações, batalhas, trocas e comércio que configuraram uma memorável diversidade cultural albergando tradições, línguas, religiões, rituais, mitologias, culinárias, organizações sociais, entre outros (RODRIGUES, 1999, p. 31, 32).

O conceito de corpo e espírito, e as discussões que estes provocam, tem perpassado a história desde a antiguidade até os dias de hoje, buscando compreender todo esse conjunto de características biológicas, culturais e sociais como parte de um todo. Para os medievais, espírito e corpo não se opunham muito menos se dividiam e esse é um dos aspectos de mais difícil compreensão para a mentalidade contemporânea. A corporalidade era valorizada por tratar simultaneamente “corpo e alma, espírito e matéria, natureza e sociedade” (Rodrigues, 1999: 55). Visto a inseparabilidade entre corpo e espírito era inconcebível qualquer tipo de violação do corpo humano mesmo que esta tivesse como fim estudos que poderiam melhorar a vida humana de certa forma, já que qualquer tipo de violação não se dava apenas na matéria, mas também no espírito.

Foi com o surgimento do dualismo cartesiano no qual se distinguiu corpo e alma, que a utilização dos corpos para fins científicos passou a ser aceitável. Para isto, precisou-se desencantar a ideia que se tinha sobre corpo, convencendo a população de que era o espírito, grandioso e glorioso, que importava e de que o corpo não passava de uma carcaça na qual o espírito estaria preso. A partir daí, o corpo passou a ser visto como inferior ao espírito, sem valor algum, e o espírito, portanto, como transcendente e superior.

Com o aparecimento do pensamento dualista, também é possível analisar o corpo por duas vertentes científicas: a Fisiologia e a Psicanálise (ora a materialidade do corpo, ora a mente). Dessa forma, por um lado o corpo é visto como sagrado por abrigar a alma e o espírito – ambos imortais –e por outro lado é desprezado por ser vulnerável, perecível e mortal (COSTA, 2011). Contudo, analisar o corpo apenas por duas vertentes é negar a plenitude que lhe é suscetível negligenciando dimensões que o fazem completo. Segundo Costa (2011) o caminho é tentar unificar as vertentes física, fisiológica, social, histórica, energética e cultural a fim de encontrar uma única concepção de corpo.

Tomás de Aquino (1225-1274 d.C.) contribuiu para essa tentativa já que em seus ensinamentos aproximou a alma do corpo apontando que sem o corpo a alma não existiria. Com isso, passou-se a considerar que corpo e alma tinham uma relação de interdependência. A partir de então, já que sem o corpo a alma se tornava inexistente, a valorização do mesmo passou a ser discutida. Com o desenvolvimento da fisiologia, o sistema biológico do corpo foi se tornando mais entendível, surgindo, assim, preocupações quanto à durabilidade desse corpo; os alimentos que o sustentavam e o ambiente em que este vivia se tornaram assuntos de extrema importância.

Na idade contemporânea, que teve seu início marcado pela Revolução Francesa, o capitalismo se consolidou como modo de produção, contribuindo para um novo olhar sobre o corpo. Nesse período histórico – a partir de 1789, surgiram pensadores que agregaram conhecimento sobre o tema. Para Michel Foucault (1987), as particularidades que englobam o corpo deveriam ser pensadas de tal forma a produzir um tipo específico de corpo abordado em sua obra “Vigiar e Punir”: o corpo dócil. Assim sendo, ele afirma que *“... É dócil um corpo que pode ser submetido, que*

pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado" (FOUCAULT, 1987). Desde então, o corpo vem sendo modificado e trabalhado para se tornar aquilo que o mercado precisa para a sociedade se desenvolver.

Vários outros autores contribuíram para o conceito de corpo durante a história. Procuramos citar aqui, apenas alguns deles a fim de situá-los quanto a nossa pesquisa, sabendo que não caberia neste espaço todas as contribuições importantes sobre assunto.

3.2 Corpo na Educação Física

Tradicionalmente, a Educação Física (EF) teve e ainda tem uma forte influência das ciências biomédicas. Com a dicotomização da relação entre corpo e alma trazida por Descartes, o corpo passa a ser visto como uma máquina com a função de realizar tarefas repetitivas com o máximo de eficiência, além de superar limites e barreiras rumo à eterna evolução. Na EF, essa ideia se vinculou à noção de aptidão física, a qual enxerga o homem em sua forma meramente fisiológica buscando aperfeiçoar os corpos a fim de encontrar-se saudável. Essa visão tecnicista contribuiu para a ideia de corpo biológico, que, segundo Daolio (2010), não passava de um conjunto de ossos e músculos sem expressão da cultura, concluindo, portanto, que a fisiologia, a anatomia, a biomecânica, e outras ciências naturais encontram-se como centrais para compreender e intervir sobre ele (corpo) tornando a EF, área exclusivamente biológica sem qualquer relação com as ciências humanas.

Entretanto, a ideia de um corpo exclusivamente biológico na EF vem sendo questionada desde 1980 a partir de debates que buscavam compreender o corpo para além do biológico, considerando-o como eminentemente cultural. Aliás, Geertz (1989, p. 61), citado por Daolio (2013) afirma que por sermos animais incompletos e inacabados, nos completamos e acabamos através da cultura, ou seja, somos influenciados pelos costumes e pelo meio em que vivemos. Daolio (2013) entende que as diferentes formas de expressão de uma sociedade são pautadas em diferentes corpos que se manifestam através de um conjunto de significados que os define a partir da sociedade em que vivem.

Portanto, com a comunidade religiosa não é diferente: uma série de normas e conselhos ditados pela Bíblia e/ou pela comunidade de fé são praticados por eles de

forma a constituir a cultura desse povo no que se refere ao “o que e como” devem ser, construindo, dessa forma, seus significados. Marcel Mauss (1974) considera os gestos e os movimentos corporais como técnicas criadas pela cultura, incutidas de significados específicos e passíveis de serem transmitidas através de gerações. Por isso, é curioso indagar quais gestos e movimentos corporais a igreja considera (ou não) exequíveis a ponto de nortear os fiéis em determinadas práticas corporais compondo sua própria cultura, de forma a arquitetar o corpo que será notório; além disso, buscar entender quais os princípios, valores e normas que levam estes fiéis a se manifestarem desta maneira. Daolio (2013, p. 36,37) diz:

> No corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. (...) O homem, por meio de seus corpos, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração.

Frequentemente estudiosos da educação física, como Daolio, Bracht e Betti, por exemplo, empenham-se em considerar a perspectiva cultural para compreender as manifestações corporais humanas. No livro *Metodologia do ensino de educação física*, escrito por um Coletivo de Autores dentre eles, Bracht, Soares e Castellani, a EF é compreendida como “matéria escolar que trata, pedagogicamente, temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 18). Betti ainda propõe o conceito de cultura física, na qual a EF integrará e introduzirá os alunos a fim de formar cidadãos que vão “usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (o jogo, o esporte, a dança, a ginástica...)” (BETTI, 1992, p. 285).

Conclui-se, portanto, que as práticas corporais/manifestações corporais estão cada vez mais relacionadas com o corpo cultural considerando fatores sociais que influenciarão no modo em que essas práticas são realizadas, e não apenas com o corpo biológico que geralmente se preocupava somente com a técnica e consequente execução destas práticas.

Contudo, é importante ressaltar que é impossível traçar um limite exato entre o que é biológico e o que é cultural, pois o corpo é resultado da relação natureza/cultura. Por isso, quando olhamos para um corpo, tanto o aspecto biológico quanto o

cultural, podemos enxergar explicita ou implicitamente conceitos, crenças e valores, todavia é necessário se atentar à interação entre os dois e buscar compreender como estão relacionados para exprimir esses conceitos, crenças e valores.

3.3 Corpo e Religião

De acordo com nossas pesquisas, ainda que muito explorado na antropologia, percebemos que a relação entre corpo e religião é um assunto relativamente pouco investigado pela comunidade científica na EF, talvez pela pluralidade de religiões e também pela diversidade que o tema “corpo” abrange. Entretanto, estudos de RIGONI (2009; 2010; 2013; 2016), RABELO (2011; 2018) e CSORDAS (2008; 2016), por exemplo, abordam sobre o assunto religião e corpo relacionados, buscando compreender a interação entre eles e o seu significado para a comunidade em si e para a sociedade em geral.

No caso dessa pesquisa, as discussões estarão relacionadas com um ramo da religião cristã chamada de evangélica. O surgimento do termo “evangélico” é consequente da Reforma Protestante – movimento liderado por Martinho Lutero (1483-1546) que deu início ao rompimento com a igreja católica. No dia 31 de outubro de 1517, Lutero pregou um manifesto com 95 teses na porta da Igreja de Wittenberg, na Alemanha, que atacavam procedimentos da Igreja católica, como por exemplo, a venda de indulgências. Esse movimento se espalhou pela Europa propagando uma flexibilidade religiosa que teve como consequência uma liberdade e autonomia que abriu espaço para o surgimento de diversas correntes religiosas gerando uma variedade enorme de igrejas. Os fiéis que seguiram e seguem essa doutrina, são chamados de evangélicos ou protestantes.

De acordo com Ricardo Mariano (2003), foi através do processo de secularização, no qual a Igreja perde uma influência considerável sobre o Estado (separação entre Igreja e Estado) que a liberdade religiosa foi possível:

> No caso brasileiro, a ampla liberdade religiosa resultante da secularização do Estado está na raiz da desmonopolização religiosa, da formação e expansão do pluralismo religioso e por consequência, do acirramento da concorrência religiosa. Isto é, a concessão de liberdade religiosa e a separação Igreja–Estado romperam definitivamente o monopólio católico, abrindo caminho para que outros grupos religiosos pudessem ingressar e se formar no país, disputar e conquistar novos espaços na sociedade, adquirir

> legitimidade social e consolidar sua presença institucional. (MARIANO, 2003, p. 2).

Contudo, a secularização não só tem a ver com a perda da influência religiosa sobre o Estado, mas sim com o declínio da religião e sua dissociação com as diferentes esferas da sociedade. A tese da secularização, no entanto, tem sido revista e refutada por diversos autores contemporâneos. Apesar das tentativas de distanciar o desenrolar da evolução humana da religião através da ciência, o que se vê é o significativo retorno das referências religiosas trazendo respostas e, como diz LACAN (2005), apaziguando corações. Esse declínio, portanto, aponta para uma desvantagem em relação a uma religião, a saber, a católica, mas, por outro lado aumenta o pluralismo religioso abrindo espaço para diferentes religiões e igrejas, dentre elas, a evangélica.

Mesmo dentro da própria religião evangélica, existe uma grande variedade de igrejas, chamadas de denominações, que, apesar da similaridade em suas crenças e práticas, se diferenciam nas doutrinas ensinadas pela própria denominação. Em seu livro intitulado *The Complete Guide to Christian Denominations*, RHODES (2015) diz que o termo “denominação” é oriundo do Latim *denominare* que significa nomear ou dar nome. Segundo ele, uma denominação é uma associação de congregações dentro de uma religião que tem as mesmas crenças ou credos. As denominações podem ser classificadas em tradicionais, pentecostais e neopentecostais.

As igrejas tradicionais, também chamadas de históricas, compreendem principalmente as igrejas que tiveram origem próxima à Reforma Protestante, dentre elas estão a luterana, a presbiteriana, a anglicana, a batista e a metodista. As igrejas pentecostais são advindas do “reavivamento”, nos Estados Unidos, entre 1906 e 1910 e dentre as principais estão a assembleia de Deus, a Congregação Cristã e a Igreja do Evangelho Quadrangular. Já as igrejas neopentecostais englobam a Universal do Reino de Deus, a Internacional da Graça de Deus, etc.

No que se refere aos costumes e práticas dos fiéis, incluindo as práticas corporais, as igrejas pentecostais, principalmente as da primeira onda[5], mantinham-se

[5] Paul Freston (1994) classificou o pentecostalismo baseando-se no que ele chama de “três ondas”. A primeira onda, também chamada de Pentecostalismo Clássico, é marcada com a chegada da Congregação Cristã (1910) e Assembléia de Deus (1911) que se caracterizavam, principalmente, por enfatizar o dom de línguas e menosprezar os prazeres “mundanos”.

extremamente conservadoras como aponta RIGONI (2013), onde, por exemplo, grande parte dos alunos evangélicos (principalmente as meninas) se recusava a dançar, a aprender capoeira, a jogar futebol e a participar de qualquer prática que provocasse contato corporal e sentimentos de competitividade, pois, para eles, estas eram práticas que não agradavam a Deus. Estudos de RIGONI e DAOLIO (2014) apontam que, para os membros das igrejas analisadas, caso desagradassem a Deus, o espírito santo deixaria de habitar seus corpos, por isso, mesmo que os objetivos da prática corporal como a dança, por exemplo, não tivessem qualquer "*... relação com a erotização dos corpos e do movimento, [...] ela parece estar relacionada a essas questões, o que torna a EF uma prática, muitas vezes, desaconselhada.*" (RIGONI; DAOLIO, 2014, p. 888), pois pode desagradar a Deus.

Apesar da pluralidade religiosa e das diferenças entre denominações, podemos apontar para a notabilidade que o corpo possui nesse cenário. Segundo a Bíblia Almeida Revista e Corrigida (ARC) [6] – uma das versões/traduções da bíblia que as igrejas evangélicas utilizam inclusive a igreja pesquisada –, para o apóstolo Paulo, o corpo era considerado lugar sagrado, por ser templo do Espírito Santo – "*Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?*" (1 Coríntios, 6.19) – e, contraditoriamente, também era *carne*, a natureza humana decaída – "... *na minha carne, não habita bem algum; e com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. (...) Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?*" (Romanos, 7:18-24). Até o século IV, o termo *carne* era tratado como literal e se referia ao corpo humano; a partir de Agostinho e seus subsequentes, carne se referia à natureza humana decaída; contudo, o corpo faz parte da natureza humana pecaminosa, portanto o espírito humano estaria relacionado com as origens celestiais enquanto o corpo humano estaria preso a suas origens terrestres (GOMES, 2006, p. 5).

Considerando sua importância no âmbito evangélico, não são raras as "interdições" relacionadas ao corpo justificadas pela premissa de voltá-lo à santificação e não às coisas consideradas "mundanas": não consumir álcool ou drogas, não ter relações

[6] Bíblia Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Almeida Revista e Corrigida. Edição Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

sexuais antes do casamento e, inclusive, não se envolver com determinadas práticas corporais. Pode-se dizer, portanto, que os evangélicos são reconhecidos pela vertente da negação, ou seja, pelo que eles não fazem e/ou não devem fazer – dançar, apostar, beber, etc. Contudo, o que antes ficava sob monopólio da Igreja, a saber, os comportamentos e usos do corpo, com o desenvolvimento da sociedade outras instituições passaram a se preocupar com o corpo e a ditar “normas” sobre como esse corpo deve ser e se comportar.

Assim sendo, na medida em que a sociedade se desenvolve, as igrejas também vão sentindo os efeitos deste desenvolvimento e, aos poucos, vão se transformando também. Com o aumento de ofertas e experiências relacionadas ao corpo, os fiéis – que também desejam se adequar as normas sociais e não parecerem tão “diferentes” – vão se posicionando na tentativa de usufruir as práticas sociais, mas se mantendo, o máximo possível, próximos de suas crenças e práticas religiosas.

Ainda que muitas igrejas se adequem e acessem coisas “do mundo”, para membros de determinadas denominações, é a esfera religiosa a mais relevante para esse posicionamento, e, por isso, o que os líderes religiosos delas ditam como certo ou errado, é acatado sem questionamentos. São os membros mais jovens que parecem estar mais passíveis a questionamentos já que estão suscetíveis a se atentarem às informações dessas outras esferas. De certa forma, os jovens possuem um ímpeto pela liberdade e descoberta que associadas ao acesso fácil – muitas vezes, em apenas um clique – a diversas informações resultam em indagações que podem os levar a esses questionamentos.

Embora haja estudos em igrejas pentecostais tradicionais que apontam para uma interdição severa por parte dos líderes religiosos quanto às práticas corporais, nos perguntamos como essa interdição e/ou permissão se dava no caso das igrejas históricas, mais especificamente, uma primeira igreja batista (PIB) na cidade de Vitória no Espírito Santo – por mais que essas igrejas (históricas) sejam denominadas como tradicionais em seu contexto histórico, elas são reconhecidas atualmente por serem mais flexíveis.

Diante disso, nosso interesse foi investigar e compreender como os jovens de uma PIB elaboram sua relação com o corpo e as práticas corporais, além de analisar a

forma como eles vão estabelecendo critérios para considerar determinadas práticas passíveis de serem compartilhadas com outros membros ou não.

4 PESQUISA DE CAMPO

Para preservar a identidade dos indivíduos que participaram das entrevistas, a comunidade escolhida para pesquisa não será especificada quanto a sua localidade, entretanto, como ela é uma PIB, possui os mesmos princípios de toda comunidade batista pertencente à Convenção Batista Brasileira (CBB).

A origem dos Batistas possui três teorias: a “JJJ” (Jerusalém-Jordão-João), a Anabatista e a histórica. A JJJ, também conhecida como sucessionista, defende que o surgimento dos batistas foi marcado pelo batismo de Jesus por João Batista no Rio Jordão; já na teoria Anabatista, o surgimento se deu em função da Reforma Protestante de Lutero, na qual os Anabatistas (que significa “rebatizadores”) também apresentaram o seu modo de viver o cristianismo se colocando como oposição à igreja católica e aos reformadores; na teoria histórica, apresentada em documentos batistas no livro *Pacto e Comunhão* (2010, p. 57), foi em 1609, em Amsterdã que John Smyth e Thomas Helwys – co-fundadores da Igreja Batista – se reuniram, juntamente com outros cristãos, como uma igreja de doutrina Batista pela primeira vez.

Algumas igrejas batistas adotam apenas uma das teorias como a mais correta, porém, a PIB considera as três teorias como complementares e não excludentes. E foi assim, no decorrer da história, que os batistas foram definindo seus princípios e valores a fim de anunciar Jesus como salvador. Alguns desses princípios parecem de suma importância para tentar compreender e analisar as relações entre os membros e suas práticas, inclusive as corporais.

A PIB consiste em uma denominação histórica vinculada à CBB. Apesar de haver um padrão doutrinário para todas as igrejas batistas, de acordo com as diretrizes da própria CBB, a PIB consiste em uma comunidade autônoma, na qual os membros são igualmente responsáveis pelas decisões a serem tomadas, partindo do pressuposto que cada indivíduo ali é guiado pelo Cristo. Desta forma, o motivo pelo qual a PIB se destaca como sendo mais liberal do que outras igrejas, aparentemente se deve ao fato de que essa comunidade é composta por membros que

desenvolvem uma mentalidade mais “aberta”, pautada neste discurso de autorresponsabilidade e autonomia.

Como frequentadora da igreja há quase seis anos, notei que a PIB atrai muitos jovens justamente por tratar de temas atuais com relativa flexibilidade. A maioria deles tem relação com temas emergentes que são interpretados à luz da bíblia (ou, como os pastores dizem: à luz da perspectiva de Jesus Cristo). Temas como racismo, feminismo, lugar de fala, desigualdade social, dentre outros, já foram abordados em diversos cultos, desde que passei a frequentar a igreja. Ademais, a forma como esses assuntos são desenvolvidos parece agradar a maior parte do público, que, por meio de conversas informais, relatou sentimentos de pertencimento e de identidade com a comunidade.

Observei, ainda, que apesar de se considerar uma igreja conservadora pelos próprios membros, a PIB não parece dar tanta importância a aspectos corporais; ao que parece, até em igrejas mais tradicionais, como as pentecostais da primeira onda, isso está mudando, dado que RIGONI (2008, p. 11) constatou que os membros, principalmente as mulheres, possuíam características bem demarcadas: “roupas típicas, modos de cortar e de pentear os cabelos” e a mesma autora em 2013 averiguou que eles já não são mais tão estereotipados assim. É importante ressaltar que os estudos que levaram a autora a estas conclusões foram feitos em São Paulo com membros de uma igreja pentecostal, a saber, Igreja Evangélica Assembléia de Deus, diferente desta pesquisa que foi feita no Espírito Santo com membros de uma igreja histórica, não pentecostal.

A PIB também não possui uma lista de proibições no que se refere aos aspectos e práticas corporais, pelo contrário, percebi que muitas práticas veementemente condenadas por determinadas denominações são realizadas em eventos e cultos da PIB, dentre elas, a dança. É obvio que outras questões interferem na realização ou não de determinadas práticas corporais, como a própria tradição por parte de pessoas religiosas, mas isso será abordado mais adiante na análise das entrevistas.

É importante pontuar que os responsáveis pelo cuidado e ensino da PIB são os pastores. Eles têm a função de instruir os membros da igreja em relação aos ensinamentos bíblicos e auxiliar os membros de forma individual (se solicitado pelo

próprio membro). Desde que passei a frequentar a PIB, não presenciei nenhuma proibição vinda da parte dos pastores em relação a aspectos isolados, como, por exemplo, fazer tatuagem, usar maquiagem, cortar o cabelo, ou afins, nem mesmo qualquer condenação a práticas corporais por si só. Porém ocorrem orientações que parecem ser direcionadas aos processos através dos quais os indivíduos serão capazes de decidir o que fazer ou não por conta própria. Dessa forma, eles parecem assegurar o princípio da liberdade e consequente responsabilidade de seus fiéis, fazendo com que o ambiente se torne cada vez mais satisfatório e acolhedor, o que resulta também na conquista frequente de novos adeptos.

Ainda quanto às orientações, já presenciei cultos em que os pastores instruem os jovens a não terem relações sexuais antes do casamento, por exemplo, alegando que desse modo, eles serão mais felizes e evitarão muitos problemas emocionais. Segundo eles, o sexo é o mais alto nível de intimidade entre o casal e, por isso, o ideal é que ele seja usufruído no casamento, pois nele (casamento) haveria um comprometimento real entre os cônjuges perante os homens (casamento civil) e perante Deus. Da mesma forma, o mesmo acontece com outros assuntos. Quando, porém, os membros agem de forma a contrariar a orientação, não notei nenhuma punição em cultos seja por meio de exposição, expulsão, repreensão ou qualquer outro meio. Se existe algum “castigo”, não é de conhecimento público.

Aparentemente, o membro da PIB possui liberdade total no que se refere a orientações teológicas, desde que se submeta unicamente ao Cristo (princípio da autonomia da igreja[7]). Deste modo, teoricamente, a PIB não se opõe a nenhuma prática corporal, pois isso, por si só, não contraria a bíblia. Além do mais, proibir qualquer prática que seja, refuta o princípio da liberdade e responsabilidade do indivíduo, defendido pela igreja. Portanto, é possível dizer que a PIB não só não proíbe nenhuma prática corporal como também já se mostrou favorável a elas, pois podem trazer muitos benefícios a quem as pratica. Entretanto, as práticas corporais, assim como qualquer outra coisa, podem ser utilizadas para o bem ou para o mau, mas isso, quem define e se responsabiliza é o próprio indivíduo.

[7] “A autonomia da Igreja tem como fundamento o fato de que Cristo está sempre presente e é a cabeça da congregação do seu povo. (...) Uma Igreja é um corpo autônomo, sujeito unicamente a Cristo, sua cabeça. Seu governo democrático, no sentido próprio, reflete a igualdade e responsabilidade de todos os crentes sob autoridade de Cristo”. Documento interno: apostila Ser Igreja dos autores Heleénder de Oliveira Francisco e Anna Eliza Simonetti P. O. Francisco. 2020, p. 62-63.

4.1 Análise das entrevistas

Desde que me tornei membro da PIB, percebi um olhar mais progressista por parte dos pastores. No que se refere aos diversos assuntos relacionados à bíblia, por exemplo, o fato de mulheres poderem “pregar” (fazer a exposição da palavra para os membros em um culto formal da igreja) é um caso inovador e polêmico para as igrejas históricas, já que essas preservavam – muitas ainda preservam, como algumas presbiterianas, por exemplo – o argumento de que as mulheres não poderiam “falar em público” o que significa que elas não poderiam ensinar a palavra no culto da igreja. Essa orientação é baseada nas seguintes citações do apóstolo Paulo: “*A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio.*” (1 Timóteo 2.11-12) e “*As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei.*” (1 Coríntios 14.34).

Além disso, notei uma grande quantidade de jovens que eram membros da igreja e também um fluxo intenso de visitantes nessa faixa etária. Com o tempo, descobri que na época em que me tornei membro da PIB, o novo pastor presidente (que permanece atual) tinha acabado de chegar e com a vinda dele, muitos jovens e adultos que pertenciam à outra igreja da qual ele era líder, vieram com ele.

A convivência com os jovens foi de fácil adaptação, pois percebi que eles não eram tão diferentes quanto os jovens que não pertenciam à igreja. Eles pareciam muito maleáveis acerca de idas a festas, bebidas alcoólicas, e muitos outros assuntos que os não membros de igreja consideram normais, inclusive, no que se refere às práticas corporais também, como a dança, por exemplo.

Apesar dessa suposta liberdade exposta através de conversas informais que aconteciam antes e depois dos cultos, perguntei aos jovens da PIB por meio de um grupo no *WhatsApp* se eles já deixaram de realizar alguma prática corporal por causa da religião, a maioria respondeu que não. Porém, algumas pessoas me procuraram para responder a pergunta no privado, o que chamou muito a minha atenção, já que a mesma foi feita num grupo em que, supostamente, os participantes não se sentiam restringidos de praticar nenhuma prática corporal.

Dentre as respostas que obtive no privado, estavam práticas como o *pole dance*, a dança do ventre e a *yoga*, que de acordo com alguns deles, não falaram no grupo “para não dar polêmica”.

Portanto, achei curioso o fato de apesar de os jovens afirmarem que se sentiam livres para realizar qualquer prática corporal, não se sentiam a vontade para compartilhar isso com os demais colegas. Percebemos que eles criavam algum tipo de barreira em relação a determinadas práticas. Com isso, decidimos realizar as entrevistas para tentar compreender melhor como eles se relacionam com o corpo e as práticas corporais e o quanto a PIB interfere nessa relação, além de analisar como eles vão elaborando e estabelecendo critérios para julgar determinada prática passível de ser compartilhada com os outros ou não.

Conforme esclarecido anteriormente, os sujeitos que foram levados em consideração para a realização dessa pesquisa, tendo em vista os procedimentos éticos para sua realização, assinaram um TCLE que permite a publicação dos dados coletados e assegura o anonimato das pessoas envolvidas e, por isso, utilizaremos nomes fictícios. Foram cinco os entrevistados, três homens e duas mulheres: Mateus, 29 anos, Marcos, 27, João, 23, Marta, 26, e Maria, 23; dentre eles, João e Maria já tinham participado da conversa no grupo de *WhatsApp* antes da realização das entrevistas.

Iniciamos questionando os participantes sobre quanto tempo frequentam a PIB e também se já frequentaram (e por quanto tempo) outras denominações. Constatamos que os cinco participantes já frequentaram outras igrejas antes da PIB, inclusive desde muito novos. Mateus, Lucas e João sempre fizeram parte de igrejas de denominação batista; Maria iniciou em igrejas batistas até os 14 anos, depois, de 2015 a 2017 frequentou uma igreja evangélica aliança; Marta nasceu e cresceu na igreja casa de oração onde passou seus 23 anos juntamente com seus pais. A partir desses dados, é possível notar que as diferentes opiniões presentes aqui foram construídas desde as experiências anteriores em outras igrejas até a atual.

> A PIB*, eu considero ela uma igreja mais contemporânea, mais progressista, mais humanizadora, do que as outras igrejas, talvez um pouco mais preocupada com vários aspectos da vida extratemplo do que as outras igrejas que eu frequentava. (...) eu me sinto mais confortável, mais

teologicamente representado na igreja onde eu estou hoje, mais pastoreado, mais contente. [Mateus]

Ela coloca-se como uma igreja contemporânea. Ela não esquece, não anula as bases tradicionais do cristianismo, da fé cristã e da denominação batista, ela se apoia na declaração de fé e prática dos batistas, se apoia na bíblia, no meio do evangelho, mas também não fecha os olhos pro mundo, pro contexto social que a gente está inserido hoje. (...) a gente não tá ali numa igreja com usos e costumes, que são marcas religiosas e não marcas do evangelho, que seriam às vezes marcas desatualizadas com o tempo que o evangelho, que a fé cristã não requisita, não exige que tenha. Eu vejo essa visão contemporânea lá. Eles mantêm a base do evangelho, a base da fé batista, da denominação batista sem que isso choque com a contemporaneidade, com a modernidade que a gente está inserido. [Marcos]

Não acho que tenha um tipo de restrição, acho que tem sim, como qualquer igreja tem, na minha opinião, uma orientação para você se portar de acordo com a bíblia, de acordo com os princípios do evangelho, que Jesus deixou para nós. [Marcos]

Eu não acho que exista uma restrição por parte da igreja. Se a gente for falar com relação aos líderes algumas coisas que eu já conversei com eles, pra eles não são problema. Eu acredito que a restrição que existe nas igrejas é por conta das pessoas, que cada um tem sua visão de vida com Deus e com Cristo. Então se for com relação a igreja, não. [Maria]

A igreja em si, ela não pontua restrições neste sentido, até porque eu vejo que o modelo teológico da PIB, ela é um modelo um pouco mais aberto, um pouco mais diferente do que é comumente visto nas igrejas batistas. [Mateus]

Eu acho que existe sim uma certa restrição por parte das igrejas em geral.(...) não só restrições, mas eu acho que um certo direcionamento para essa conduta. Mas existe uma diferença grande de igrejas pra igrejas de como esse direcionamento é feito. (...) Eu acho que na PIB* não teria essa restrição, teria mais um direcionamento e o membro é livre pra se adequar a isso, mas em outras igrejas, incluindo a minha antiga igreja, eu acho que já existia sim uma restrição, talvez não de forma explícita, talvez não de forma clara, mas de forma implícita sim, com certeza existia uma restrição (...) se

> eu tivesse fazendo uma aula de *pole dance*, por exemplo (...) não me sentiria confortável em postar uma foto porque eu sei que eles, da Casa de Oração, iriam ver e poderiam falar, ou talvez também eu colocaria a foto, até falaria, mas sabendo que eles pensam dessa forma, sabendo que eles falariam alguma coisa que eu não gostaria de ouvir. Mas relacionado a comunidade que eu to inserida hoje, a PIB*, eu não vejo problema nenhum. [Marta]

Quando perguntados sobre possíveis restrições que a PIB poderia fazer aos seus fiéis, eles disseram não existir uma restrição explícita. Marta até cita um exemplo, que se fizesse *pole dance* e estivesse ainda frequentando a outra igreja que ela frequentava, eles "falariam alguma coisa" dando a entender que nessa outra igreja parecia ter alguma restrição, mas na atual igreja não teria problema. Contudo, apesar de negarem existir restrições por parte da PIB, nas respostas deles vimos o uso das palavras "orientação" e "direcionamento", ou seja, eles negam se sentirem restritos na PIB, mas dizem que são orientados, direcionados a viver de certa maneira, o que indica, que de algum modo, assim como em todas as instituições, eles estão sendo "moldados" conforme aquilo que a igreja diz, podendo não ser através de restrições e/ou proibições, mas por meio dessas orientações e direcionamentos. O que parece é que essas orientações e direcionamentos possuem um viés mais flexível do que outras igrejas corroborando com a fala de Mateus, que aponta a PIB como tendo um "modelo teológico mais aberto".

> As orientações dão a entender que a gente é livre para escolher os nossos atos, mesmo estando lá, debaixo de orientação do time pastoral, principalmente dos pastores presidentes (...); é uma forma que deixa a gente livre pra escolher os nossos atos, pelo menos é a impressão que eu sinto. [Marcos]

> Eu acho que na PIB* é uma coisa mais branda, é uma coisa bem mais livre, tipo assim, existe essa possibilidade, mas cabe a você avaliar se essa é uma conduta boa pra você ou não. [Marta]

> Já convivi em muitos outros lugares onde tudo era muito restritivo sem uma explicação dos porquês. Na PIB* eu sou muito mais estimulado a refletir sobre os porquês de eu não fazer o que eu escolho não fazer. Pra muito mais do que "ah, não pode", não pode por que? Me traz uma consciência de responsabilidade muito maior sobre a minha fé e sobre o meu relacionamento com Deus. [João]

Segundo eles, essa orientação aponta para uma liberdade que pode aparecer vinculada à conscientização da responsabilidade, no que se refere ao indivíduo. Ou seja, apesar de existir um direcionamento, uma orientação por parte dos pastores que se baseiam naquilo que eles consideram a palavra de Deus, os membros se sentem livres para escolher acatar ou rejeitar.

Em sua fala, João aponta a importância de refletir sobre os porquês das restrições que aconteciam em outras igrejas. Parece que, para ele, a restrição precisa estar embasada em uma justificativa e que na PIB, a justificativa para aquilo que ele escolhe não fazer é abordada de uma maneira que lhe traz “consciência de responsabilidade”. Essa consciência de responsabilidade parece estar relacionada às reflexões que ele faz na hora de escolher o que fazer e o que não fazer.

A partir desses relatos, podemos perceber que, na visão dos jovens pesquisados, esta é uma igreja onde os fiéis são livres para serem e se expressarem como são tanto dentro da própria comunidade quanto fora dela. Talvez por isso, a aparência e o comportamento destes jovens se confundem com qualquer jovem do “mundo”, tornando-se cada vez mais difícil diferenciá-los à primeira vista.

> Eu acredito que a restrição que existe nas igrejas é por conta das pessoas, que cada um tem sua visão de vida com Deus e com Cristo. (...) Eu me sinto livre pra ser quem eu sou no ambiente da igreja e como eu sou fora da igreja também sou dentro da igreja, mas as pessoas mais velhas, as pessoas assim, mais conservadoras, eu já tento dar uma maneirada. [Maria]

> Tomar bebida alcoólica e ficar postando isso em rede social, com certeza vai ter uma reprovação. [Marcos]

> Não me sinto uma pessoa com restrições, num sentido amplo da conversa, mas existem algumas questões que, por tradição a gente as vezes evita fazer. Não é algo que a igreja impõe tipo assim, “não pode fazer isso”, mas a gente evita porque há uma tradição, como existem assuntos que não são muito bem resolvidos, a gente acaba por deixando de fazer. Posso exemplificar. Por exemplo, frequentar locais que são geralmente atribuídos à bebida, eu não vejo um problema, mas por conta de uma tradição, por conta de um papel que eu desempenho, às vezes eu tomo cuidado para que isso não possa gerar alguma coisa. [Mateus]

Todavia, ainda que em seus discursos sobressaia a ideia de autonomia e liberdade, percebemos que na prática pode não ser tão simples. Os membros da PIB demonstram certa preocupação com a opinião de outros membros e até renunciam certas práticas por mera tradição e/ou opinião alheia. Logo, a liberdade dá lugar ao pudor e à cautela indicando que, muito embora a instituição religiosa representada pelos pastores tenha um viés mais liberal e progressista, a liberdade individual fica condicionada à tradição configurada pela religião mais conservadora. Em outras palavras, supostamente, a autonomia do fiel é inconscientemente (ou conscientemente) submetida à aprovação de outros membros que fazem parte da mesma instituição religiosa e/ou de outra denominação.

A partir da fala de Marcos, percebe-se que a preocupação não é nem em consumir bebida alcoólica, mas sim em postar isso em rede social, ou seja, parece que para ele, a ação é menos comprometedora do que a "publicitação". Ou seja, a preocupação em mostrar para outras pessoas que ele está fazendo algo desaconselhável reforça o argumento da importância que eles dão a uma aprovação de outrem.

Mateus, por exemplo, não vê problema em frequentar locais que estejam relacionados à bebida, mas diz "tomar cuidado" e pode até deixar de frequentar esses locais expondo uma preocupação com a tradição religiosa que ainda é cultivada e vista tanto por cristãos quanto por não cristãos. Por exemplo, se uma pessoa, mesmo que não compartilhe da mesma fé que Mateus, o vir nesses locais e souber que ele é cristão, a tendência é que, logo, o não cristão passará a olhar para Mateus com o "filtro da tradição religiosa" que diz que "pega mal" para o crente frequentar esses lugares.

> O cuidado do corpo é uma das nossas funções aqui. Se a gente pensar como fé cristã que a vida é um presente de Deus, cuidar da vida, cuidar do corpo que a gente recebe tem tudo a ver com a criação, (...) gozar da vida com saúde eu acho que faz parte inclusive do plano de Deus pra gente. [Mateus]
>
> Esse corpo foi nos dado por ele, e se a gente parte do ponto que o nosso corpo é a casa dele, se a gente convida ele pra morar aqui, se o Espírito Santo tá habitando dentro de nós, a gente precisa zelar por esse corpo também. Então eu acho que atividades físicas, cuidar do nosso corpo, se

> sentir bem com a gente mesmo, ter esse bem estar, agrada e ele, não só por esse motivo mas porque a gente também vai estar bem, então ele quer o nosso melhor, ele quer que a gente esteja bem para cumprir todas as outras funções que a gente tem. [Marta]
>
> Acho que na verdade é uma responsabilidade do cristão, do ser humano, zelar pelo corpo que foi confiado. A bíblia nos diz que nosso corpo é templo do Espírito Santo, eu creio dessa forma. Cuidar de si, nesse sentido, da sua saúde é uma maneira de expressar cuidado, de gratidão também a Deus pelo que ele confiou à gente, no caso, esse corpo. Não como uma adoração a si, mas como uma forma de expressar gratidão a Deus. [João]
>
> O corpo é templo do Espírito Santo, então se o Espírito Santo, que é o próprio Deus, habita em mim, eu tenho que cuidar do meu corpo como se limpa uma igreja, como se deixa uma igreja organizada, bem estruturada, porque assim como a igreja não pode desabar, meu corpo também não pode desabar. Então eu acho que cuidar do corpo tem tudo a ver com o que a bíblia coloca pra gente sobre o corpo ser a morada de Deus por meio do Espírito Santo. [Marcos]
>
> De forma alguma cuidar do corpo seria alguma coisa que desagradasse a Deus, tanto que a própria bíblia fala que nós somos o templo do Senhor, então eu acredito que a gente tem que cuidar do templo, da casa de Deus que somos nós. É essencial. [Maria]

Notamos que esse dilema entre liberdade e tradição também acontece no que se refere ao corpo e às práticas corporais. Quando perguntamos se cuidar do corpo é algo que desagrada a Deus, eles foram unânimes em admitir que não e, inclusive, defender esse cuidado como “plano de Deus”, assumindo a analogia de o corpo ser morada do Espírito Santo e que, portanto, precisa ser cuidado.

No entanto, João salienta que esse cuidado precisa acontecer “não como uma adoração a si” o que nos leva a questionar do que ele está falando exatamente. Parece que, para ele, cuidar do corpo é uma forma de agradecer a Deus “pelo que ele confiou a gente” desde que não chegue ao ponto de adorar a si mesmo, demonstrando uma possível rejeição ao cuidado excessivo de si por vaidade. Sabe-se que a vaidade é um tema frequente entre os cristãos e ela normalmente é entendida como pecado por essa comunidade, pois supostamente a pessoa estaria

mais preocupada com os próprios interesses – principalmente em relação à aparência que será exposta ao outro – colocando a vontade de Deus de lado.

> O que talvez pudesse ser visto de modo errado por alguns membros da igreja, principalmente, na minha opinião, membros mais antigos que são mais tradicionais que estão lá a mais tempo, determinado tipo de dança que fosse feito, e principalmente não só o tipo de dança, mas o local aonde essa dança estaria sendo realizada. (...) Por essas pessoas terem cabeças, as vezes, um pouco mais antigas, cabeças que enxergam a vivência cristã, o evangelho, não como uma opção de consciência e de liberdade, que você escolhe servir e seguir porque você quer, porque você concorda com aquela filosofia, com aquele modo de pensar e de viver, mas enxergam o evangelho pelo óculos da religião como se fosse um livro de regras, do que pode e o que não pode fazer. (...) essas pessoas que fazem essa leitura, no meu ponto de vista, equivocada do evangelho, elas podem se sentir escandalizadas, porque elas acham que o evangelho é dizer o que pode e o que não pode fazer, incluindo práticas corporais, alguns tipos de atividades físicas. (...) eles poderiam ver aquela prática como uma prática errada. [Marcos]

> Estilos de dança que são mais contemporâneos. Por exemplo, *pole dance*, é uma prática corporal, tem gente que faz aula mesmo. Antigamente era associado a contextos muito específicos, mas hoje tá meio separado, mas, por exemplo, é uma coisa que não me chama atenção, mas que eu imagino que outras pessoas teriam dificuldade em aceitar. (...) por causa da maneira como as pessoas enxergam a relação você com o seu próprio corpo, e do seu próprio corpo como uma responsabilidade com o outro também. [João]

> O próprio *pole dance*, a dança do ventre, danças em geral... até as danças mais comuns, a zumba mesmo, que agora tá super comum (...) poderia impactar, claro que numa proporção eu acho que bem pequena, se tratando de PIB* (...) mas como a gente não pode generalizar, com certeza tem algumas pessoas que se sentiriam impactadas com alguém fazendo uma aula de *pole dance*, dança do ventre, zumba, essas coisas. (...) não tem como você generalizar que ninguém ali vai não gostar ou se escandalizar com alguma pratica corporal que você faça. (...) eu acho que parte muito da vivência da pessoa, da criação mesmo da pessoa. Então geralmente quem costuma pensar assim, não que seja uma regra, mas são pessoas mais velhas, mais idosas que viveram em outro tempo, que às vezes nem existia esse tipo de prática e que eles eram mais regrados a viver de uma certa maneira pra Deus. Então, quando chega nos dias de hoje com essa vasta

> opções de praticas corporais, esportes e danças que a gente tem, as vezes eles acabam julgando dessa forma. [Marta]
>
> Se eu pudesse pensar do ponto de vista teológico, eu poderia citar as lutas que impõem danos físicos ao adversário. (...) Eu sou um consumidor de luta, assisto, assino canal que passa luta e eventos de luta, mas pensando teologicamente eu acho que a gente poderia chegar a uma conclusão que talvez fosse uma prática não tão adequada porque impõe lesões ao outro. [Mateus]
>
> Eu acho que a dança, por exemplo. Eu como baiana, lá a gente costuma dançar de tudo, então, por exemplo, um *fit dance*, entre o meu ciclo de amigos na Bahia não é tão mal visto quanto eu acredito que seria aqui. Acho que por uma questão também cultural, mas a igreja, também influencia nesse tipo de danças serem mal vistas, em qualquer lugar, em qualquer espaço. (...) eu acredito que tudo que a gente considera como mal visto, bem visto, é influenciado por conta da religião que a gente vive, da cultura local, de como os nossos pais foram criados, tudo é uma questão de construção e desconstrução também. Então eu acho que o principal motivo seria esse, a cultura mesmo. [Maria]

Enquanto a liberdade em cuidar do corpo é percebida e justificada pelos membros da PIB, existe um ponto de tensão no que tange às práticas corporais possíveis, pois supostamente, cada um decide se vai realizar uma prática corporal ou não, mas, como constatado anteriormente, a opinião do outro é levada em consideração na hora da decisão, apontando para a premissa de Geertz (1989) citado por Daolio (2013) que somos influenciados pelo meio em que vivemos. Eles parecem se preocupar com o que pode acontecer com o outro caso escolham realizar determinada prática – se o que eles forem fazer “escandalizar” outro membro, por exemplo, e por isso, esse membro escandalizado sair da igreja, ou ter uma ideia equivocada sobre o cristianismo – e, por isso, podem até deixar de praticá-la.

De modo geral, os jovens da PIB não parecem ser contra nenhuma prática corporal por si só. Todavia, no decorrer da entrevista fomos identificando alguns comentários sobre algumas práticas corporais específicas como a dança e a luta, por exemplo, nas quais os jovens demonstram certa preocupação em realizar. Como exposto anteriormente, a igreja não determina a proibição de nenhuma atividade, mas

segundo os fiéis, algumas práticas podem ser mal vistas por outros membros e/ou ferir o indivíduo que as pratica e que, por isso, poderiam passar a ser inadequadas.

Segundo os entrevistados, quem mais parece se incomodar com alguns tipos de práticas corporais (e outras práticas em geral) são as pessoas mais velhas, mais tradicionais, muitas vezes pela criação e cultura da época em que conheceram a religião, outras vezes por motivos que parecem se distanciar do que os jovens acreditam ser o verdadeiro evangelho. Como a cultura, assim como os gestos e movimentos corporais, é transmitida através de gerações (MAUSS, 1974), alguns gestos e movimentos corporais da atualidade, muitas vezes, não são de conhecimento dos mais tradicionais, ocasionando esse "choque" com os mais jovens.

Marcos, por exemplo, quando diz que certas pessoas "enxergam o evangelho pelos óculos da religião" evidencia uma forma específica que a PIB possui no que diz respeito a religião e suas práticas. Esse termo, "óculos da religião" ou "lentes da religião", é utilizado pelos pastores da PIB para se referir à preservação de costumes e tradições religiosas pelas igrejas, que nada tem a ver com o evangelho – aquilo que Jesus ensina –, mas sim com usos e costumes cultivados que, na época em que foram criados tinham uma razão de ser (seja pela cultura que existia ou pela forma que enxergavam a religião), porém deixam de ser relevantes com o tempo e com a alteração de culturas.

> Eu acho que por mais que a gente não veja uma prática como errada, se ela prejudica a outra pessoa, se leva a outra pessoa a pecar, a ter uma noção errada do cristianismo, a criar intriga, eu acho que a gente pode ceder um pouco, assim como a outra pessoa que pensa assim também deve ceder e achar um ponto comum. (...) eu gosto de evitar esse tipo de conflito, eu entendo que o cristianismo é um pouco também de se doar, de ceder, então as vezes se aquela prática pode causar mal pra a minha fé ser mal compreendida, pra Jesus ser mal compreendido, então eu opto por não fazer. [Marcos]

> Tem coisas que a gente escolhe fazer com o nosso corpo que, em tese, afetam outras pessoas, então por isso seria desagradável. [João]

A escolha em praticar alguma atividade corporal parece não ter a ver só com o que é certo para si, mas também com o que é melhor para a comunidade. Nas falas de

Marcos e João fica claro que suas liberdades se esvaem com consentimento desde que a comunidade seja beneficiada e o cristianismo seja percebido por todos como é para eles. Desde quando passei a frequentar a PIB, percebi que essa é uma atitude que pode ser constatada em outros membros.

> Eu acho que talvez o problema que possa existir em uma prática corporal, dentro desse ambiente da religião cristã, batista, pode ser essa, em relação a dança, quando ela possa causar uma sensualidade muito explícita, que seja muito evidente, para todo mundo e incomode alguns tipos de pessoas. (...) infelizmente a dança acaba tendo esse tipo de preconceito e aí, eu só quero deixar claro que eu não sou contra nenhum tipo de dança nem nada, eu acho bonito inclusive. Ela acaba tendo esse tipo de preconceito, quando, principalmente porque o ser humano infelizmente não tem só coisas boas dentro de si, ele também tem coisas más dentro de si, e infelizmente às vezes essa sensualidade, tanto provocada por um homem quanto por uma mulher, ela pode levar a promiscuidade, a falta de relacionamentos estáveis e monogâmicos, ela talvez pode favorecer o fato de uma pessoa querer provocar a outra de maneira desenfreada mesmo, apenas para ter o momento ali com aquela pessoa de prazer e depois vai ter com outro, e com outro... Então eu acho que o problema da sensualidade explícita seria desencadear a promiscuidade que aos olhos da fé é errada porque Deus criou esse momento do prazer sexual homem e mulher como algo bom, mas pra ser vivido nessa relação estável, consistente, segura, que é o casamento. [Marcos]

> A prática em si não é o pecado, mas a maneira como você se comporta ali pode ser pecaminosa ou não, independente da prática que for. Agora como eu analiso: existem contextos específicos que, por exemplo, despertam em mim vontades que eu não quero mais atender, porque eu compreendo que na minha relação com Deus, não me aproximam de Deus ou não aproximam outras pessoas de Deus, mas me fazem priorizar outras coisas. Então, por exemplo, eu gosto muito de dançar, mas existem alguns ambientes que eu já não vou mais, por exemplo, eu não vou mais pra boate, *rave*, não frequento esses ambientes, eu poderia pela prática da dança, “ah eu vou lá pra dançar”, mas eu sei que nesse ambiente eu vou tá exposto a muitas outras coisas que me levam a uma situação em que eu falo assim “não to bem, to pecando”. [João]

> Eu acho que no geral, existem alguns critérios que mesmo que a gente não pense na comunidade específica, a gente pensa em algumas pessoas que poderiam olhar com maus olhos ou julgar. Alguns desses critérios poderiam

> ser a roupa que eu vou precisar usar pra exercer aquela prática, os movimentos, com quem, qual é a massa de alunos daquela prática, tem práticas que são mais femininas, tem práticas que você precisa fazer em casal, sei lá uma aula de forró; então talvez eu pensaria nisso. Na comunidade em que eu to inserida me deixa tão livre que hoje em dia eu não penso tanto nessas coisas, mas seriam critérios que eu pensaria se eu tivesse em outra comunidade, ou pensando nas pessoas em geral que poderiam ver e pensar. [Marta]

Em tese, os motivos pelos quais eles deixam de fazer qualquer atividade ou acabam vendo alguma prática corporal como inadequada, está relacionado com a perspectiva do que eles compreendem como pecado. Pelo que temos observado através do convívio na comunidade pesquisada, a noção de pecado proposta pela PIB é, se podemos assim dizer, generalista, uma vez que eles consideram tudo o que fere e/ou prejudica de certa forma o outro como pecado e que, portanto, os cristãos devem estar em constante análise de si e prontos para pedir perdão e/ou perdoar. Parece que, para eles, o pecado tem mais a ver com o que fazemos com e ao outro do que ao próprio Deus, já que o relacionamento deles para com Deus se dá através das relações interpessoais, assim como em suas orações e leituras da bíblia. Desse modo, a perspectiva do que desagrada a Deus se aproxima mais do o que é humano do que daquilo que diz respeito ao plano espiritual. Contudo, desmistificar a noção popular de pecado tem se mostrado um processo longo e cheio de nuances, no qual os fiéis se encontram ora aprisionados pelas marcas tradicionais religiosas, outrora “livres” pela graça exposta nos evangelhos – livros da bíblia que descrevem as falas de Jesus, a saber, Mateus, Marcos, Lucas e João –, sempre buscando o equilíbrio que julgam necessário para viver perante a sociedade. O que observamos é que quanto mais o tempo passa e a modernidade avança, o que é pecado passa a ser resignificado por cada um e adentra as instituições religiosas se tornando cada vez mais subjetivo.

Marcos, por exemplo, apontou para o aspecto da sensualidade como algo pecaminoso, tanto na dança quanto em outras práticas, pois a intenção estaria errada. Segundo ele, a dança como prática corporal não é pecado, o problema estaria na motivação de quem dança e como ela pode afetar quem está vendo. Outra preocupação também está nos espaços em que essas práticas ocorrem que, segundo João, poderiam deixar de ser ambientes saudáveis, pois estariam expostos

a outras coisas que os induziriam a pecar. A fala de João dá a entender que mesmo se uma prática específica não for pecado, o local em que ela ocorre (ou pode ocorrer) pode influenciá-los a fazer algo ou a ter desejos que na perspectiva deles seja pecado.

Marta, por sua vez, considera alguns critérios como importantes na hora de escolher realizar uma prática corporal. Apesar de ela dizer que a PIB a deixa mais livre e que não pensa tanto nisso, ainda assim citou critérios que muito se parecem com opiniões de igrejas mais tradicionais sobre pecado que preservam costumes tradicionais – talvez por ter pertencido à igreja "casa de oração" durante boa parte de sua vida –, mostrando que mesmo que agora faça parte de uma comunidade mais liberal, aquilo que foi ensinado como pecado em outra igreja fica enraizado e pode levar tempo para extrair – se é que consegue extrair. Ainda que Marta não tenha dito a palavra "pecado" fica subentendido em sua fala.

> A dança. Por exemplo, já fiz aula de *fitdance*, às vezes eu coloco os vídeos e eu mesmo fico dançando. Mas se fosse uma coisa de "ah, vamos para a praça" ou então "vamos na faculdade" como as vezes acontece. Eu estudo na UVV e lá as vezes eles botam músicas do *fitdance* e alguém que é instrutor de *fitdance* começa a puxar a coreografia. Aí, por exemplo, nesse ambiente eu não vou lá dançar na frente de todo mundo, porque eu sei que a galera não está lá pela prática, nesse momento em específico, eles não estão "ah, vamos praticar uma atividade física" o pessoal tá indo pra chamar a atenção mesmo. Se eu fosse com esse objetivo, pra mim seria pecado. Então eu me abstenho nesse momento. Não que eu considere a dança em si, mas a dança como instrumento para eu seduzir outra pessoa aí pra mim isso é pecado. [João]

Ainda que os sujeitos se sintam livres e não se sintam restritos e/ou proibidos de qualquer prática corporal na PIB, como já foi enfatizado, quando perguntamos para os jovens se teria alguma coisa que fazem ou gostariam de fazer que não achasse errado, mas mesmo assim preferia que não fosse público, apenas João respondeu que sim, a dança, evidenciando a premissa de que a liberdade que eles dizem ter passa por certos critérios inegociáveis que os impedem de exercer essa liberdade e, além disso, o significado do que é pecado manifesta-se como compreensão individual no que tange a singularidade do indivíduo.

Embora exista um conceito universal de pecado e de liberdade, o indivíduo é quem constrói, a partir de suas próprias experiências, os significados que fazem sentido para eles enquanto indivíduos e parte de uma comunidade, ou seja, os conceitos universais já não atendem a complexidade da individualidade que envolve, não apenas uma esfera do indivíduo, mas sim um aglomerado de informações que o torna um ser social. Por isso, o que é pecado para um, pode não ser para outro, assim como o que é liberdade para um, pode não ser para outro, e assim, vão surgindo critérios que são estabelecidos por eles e que englobam uma série de aspectos – cultural, religioso, econômico, político, social, etc. – que resignificam esses conceitos universais e se expressam na individualidade do ser.

Podemos corroborar esse argumento através da fala de João quando ele diz que não considera a dança em si como pecado, mas ela “como instrumento para seduzir uma pessoa” sim, ou seja, parece que o significado de pecado depende do que é despertado no indivíduo quando o realiza, contudo, se em outro indivíduo o que ele desperta é diferente, o que é pecado já foi resignificado.

> Eu não tenho problema em compartilhar, eu até já mandei mensagem para algumas pessoas chamando até pra ir num forró. A gente vai ouvindo, assim, o que é conversado, mas às vezes eu puxo o assunto sem problemas até pra saber qual é o terreno que eu to pisando assim, eu não vejo problema em compartilhar isso. Por exemplo, se eu to com pessoas que eu já vi ou já ouvi que não levam jeito pra dançar, eu não vou chamar pra dançar, por questão de habilidades e talentos. Mas não seria, assim, nada de medo de ser julgada, é mais de não chamar gente que não sabe dançar porque aí eu vou passar vergonha. Para mim, compartilhar nunca é um problema, principalmente se for com relação à dança. [Maria]

> Na comunidade onde eu to inserida, eu acho que não, eu não teria problemas em falar com a juventude ali da PIB*, com os pastores, se eu tivesse fazendo uma aula de *poledance*, por exemplo. [Marta]

Mesmo apresentando uma posição cautelosa em relação a algumas práticas, quando perguntados diretamente se teriam algum problema em expor alguma prática corporal que realizam para os demais membros da PIB, alguns dos jovens participantes afirmaram que não. Uma situação por mim presenciada, em meados de 2019, num grupo de jovens da igreja, no aplicativo do *Whatsapp*, ilustra bem esta questão. Segue a descrição da conversa:

> - Vocês já deixaram de praticar alguma prática corporal por causa da religião, seja por vergonha ou por tradição/restrição religiosa? [Pesquisadora no grupo]
> - Eu não... Sempre fui sem vergonha. [Maria no grupo]
> - Até dança do ventre eu fiz. Não vou divulgar isso no grupo porque... né?! [Maria no particular]

Podemos observar que no grupo de *WhatsApp* de jovens da PIB, onde a pergunta foi feita, Maria negou se sentir restrita de realizar qualquer prática corporal parecendo descontraída quando disse que sempre foi “sem vergonha”. No entanto, alguns minutos depois, no particular, ela pareceu se contradizer, pois citou uma das práticas corporais que já tinha realizado, porém pareceu se sentir desconfortável em partilhar isso com o grupo. De acordo com a fala de Maria, a restrição é inexistente, mas a atitude de não ter compartilhado no grupo, supostamente, evidencia uma cautela que, se realmente não existisse restrição, provavelmente não precisaria ser observada.

Mesmo tendo escolhido agir dessa forma – não compartilhando no grupo que fazia dança do ventre –, tempos depois, em entrevista, Maria negou que teria qualquer problema em partilhar com os demais jovens da PIB a prática corporal que ela realiza. Isso corrobora para a concepção da necessidade de buscar compreender e analisar de maneira mais aprofundada o contexto geral de determinado posicionamento, pois muitas vezes, aquilo que é dito literalmente, pode ser contraditório quando equiparado com todo o contexto observado.

Na entrevista com João, perguntamos se ele achava que os cristãos, especialmente os da PIB, têm dificuldade de compartilhar entre si algumas práticas específicas e se, por exemplo, ele fizesse *poledance* se sentiria confortável de compartilhar isso com os outros membros da juventude; ele contou que não se sentiria confortável.

> Não. A depender da relação que eu tivesse com a outra pessoa eu teria medo de ser estigmatizado. Se eu não soubesse se a pessoa me conhece, se tem noção do que é compromisso com Deus, a depender de como a pessoa enxerga ou não esse tipo de atividade, eu preferia não falar, eu acho que eu seria uma pedra de tropeço pra alguém. [João]

De acordo com a fala de João, podemos observar que, não só algumas práticas corporais deixam de ser realizadas por alguns jovens por influência da igreja (por

conta da opinião do outro), como também, no caso de a prática ser realizada, o ato de compartilhá-la fica condicionado ao tipo de relacionamento que o praticante cultiva com os outros membros, dentre outras questões anteriormente discutidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o decorrer da história da humanidade, o significado de corpo vem sofrendo diversas alterações que implicam diretamente na maneira como os seres humanos olham para ele. Ao final dessa pesquisa, pudemos observar que o corpo pode ser compreendido na religião de duas maneiras: lugar sagrado – por ser uma espécie de casa para o Espírito Santo (Deus) – e carne – a natureza humana decaída. Contudo, apesar do discurso predominante de o corpo ser um lugar sagrado porque Deus habita nele, os cristãos parecem se relacionar com o corpo de maneira cautelosa, evidenciando a segunda maneira de percebê-lo – como parte da natureza humana pecaminosa. Desta forma, até os dias de hoje os cristãos parecem fundamentar suas atitudes partindo dessa concepção. Na igreja pesquisa estas relações também se impõem.

A partir das análises das conversas no grupo de *WhatsApp* e das entrevistas realizadas com os jovens da PIB, pudemos constatar nossa premissa exposta no início da pesquisa. Os discursos dos jovens apontam a PIB como uma igreja mais moderna, progressista; menos conservadora e tradicional; o que resulta em jovens com as mesmas características. No entanto, sabemos que nossos princípios e concepções são formados à medida que nos relacionamos com as diversas esferas da sociedade, seja ela religiosa, familiar, social, política, econômica, etc. Dito isso, podemos constatar que apesar de a PIB ser uma igreja mais moderna, os jovens, principalmente os meninos, ainda parecem pensar e agir de maneira mais conservadora, embora tentem “minimizar” isso em seus discursos modernos e liberais. Contudo, não podemos negar que, comparados com os membros de igrejas tradicionais, eles demonstram ser mais maleáveis, aptos a ouvir opiniões diferentes das suas e refletir sobre elas, ocasionando esses pensamentos mais progressistas.

No que se refere especificamente às práticas corporais, notamos que as meninas aparentam ficar mais a vontade tanto para realizá-las quanto para compartilhar isso com os outros membros, enquanto os meninos apresentam certa resistência. De

modo geral, analisando o discurso na entrevista, exceto Mateus, os jovens não parecem se incomodar com a realização de nenhuma prática corporal de fato. Mas, com relação a compartilhar essa informação com outras pessoas, alguns demonstraram algum receio; algumas vezes, pontuando certos critérios.

Enfim, podemos concluir que os jovens da PIB estabelecem critérios para considerar determinadas práticas corporais passíveis de serem realizadas; bem como, o mesmo processo ocorre ao decidirem compartilhar essa informação com outros membros ou não. Com relação aos critérios para realizar práticas corporais, podemos destacar o que eles consideram ou não como pecado e as implicações que podem ocorrer com os outros membros caso essa prática seja realizada. Já no que se refere a compartilhar com outros membros, os principais critérios observados são a opinião e o tipo de relacionamento que esses outros membros têm com Deus e com a religião – se é mais tradicional ou mais liberal.

Através das entrevistas, observamos que o conceito de pecado para os jovens da PIB é individual e subjetivo, então se uma prática corporal se coloca como pecado na concepção de alguém, ela se torna inadequada para ele, o que não significa que o será para outrem. Para alguns jovens, se compreenderem que a prática corporal que desejam realizar pode afetar outros membros de maneira negativa, deixam de praticá-la por essa razão.

Mesmo quando os jovens da PIB decidem por proceder com a prática corporal, eles podem escolher compartilhar com os outros ou não, considerando a opinião que eles conhecem dos outros membros; se não conhecem, alguns preferem não compartilhar. Caso percebam que a perspectiva dos outros fiéis, no que se refere ao relacionamento com Deus e com a religião, seja mais tradicional, alguns também optam por não compartilhar.

Finalmente, podemos concluir que diversos são os critérios que os jovens vão criando, considerando a cultura e o ambiente em que estão inseridos. Além disso, esses critérios se diferem para cada um dos participantes, o que pode indicar certa liberdade por parte da PIB ao tratar dos diversos assuntos que são abordados. É importante pontuar que o que somos e o que estamos nos tornando é resultado de

um aglomerado de experiências e informações que experimentamos e alcançamos ao longo da vida.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, J.E.D.; CAVENAGHI, S.; BARROS, .LF.W.; CARVALHO, A.A. **Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 29, n. 2, 2017, pp: 215-242.

BETTI, M. "**Ensinos de primeiro e segundo grau: educação física para quê?**". Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Maringá, v. 13, n. 2, p. 282-287, 1992.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Almeida Revista e Corrigida. Edição Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, V.M.M. **Corpo e história**. Ecos, n. 10, p. 245-258, jul/2011.

CSORDAS, T. **A corporeidade como um paradigma para a antropologia**. In: Corpo, significado, cura. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008.

CSORDAS, T. **Assímptota do inefável: corporeidade, alteridade e teoria da religião**. Debates do NER. 2016; 1(29):15-60.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. 17. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

DAOLIO, J. **Educação Física e o Conceito de Cultura**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FRESTON, P. **Breve história do pentecostalismo brasileiro**. Em: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, A.M.A. **As representações sociais do corpo e da sexualidade no protestantismo brasileiro**. Rever – Revista de Estudos da Religião, n.1, pp. 1-38, 2006 – ISSN 1677-1222.

LACAN, J. (2005). **O triunfo da religião precedido de Discurso aos católicos** (A. Telles, trad). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIMA, D.L.F.; ALMEIDA, L.P.C.M; CAVALCANTE, A.G.B. **A utilização do WhatsApp como ferramenta de construção inicial de um trabalho de conclusão de curso**. Ceará, mai/2017.

MARIANO, R. **Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais**. Porto Alegre: Civitas – Revista de Ciências Sociais, v. 3, nº 1, jun/2003.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo, EPU/Edusp, 1974, 2 volumes.

PACTO E COMUNHÃO: documentos batistas / organização de Sócrates Oliveira de Souza. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.

RABELO, M.C.M. **Corpo e sensibilidade na religião: Comentários sobre o texto de B. Meyer**. Debates do NER. Porto Alegre, v. 2, n. 34, 2018 – ISSN 1982-8136.

RABELO, M.C.M. **Estudar a religião a partir do corpo: algumas questões teórico-metodológicas**. Revista Caderno CRH. UFBA, Salvador, v. 24, n. 61, p. 15-28, 2011 – ISSN 1983-8239.

RANQUETAT JR., C. **Laicidade, laicismo e secularização: definindo e esclarecendo conceitos.** Revista Sociais e Humanas, [*s. l.*], v. 21, n. 1, 2008. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/773. Acesso em: 20 mar. 2020.

RHODES, R. Beginnings: The emergence of christianity and denominations: What is a denomination?. *In*: RHODES, Ron. **The complete guide to christian denominations**. Eugene: Harvest House Publishers, 2015. p. 13. ISBN 978-0-7369-5292-7. *E-book*.

RIGONI, A.C.C.; DAOLIO, J. **Corpos na escola: reflexões sobre Educação Física e religião**. Revista Movimento, v. 20, n. 3, jul/set. 2014.

RIGONI, A.C.C.; DAOLIO, J. **Educação física e religião: tensões entre a educação para o lazer e a busca do prazer**. Revista Licere, v. 19, n. 2, Jun. 2016.

RIGONI, A.C.C.; PRODÓCIMO, E. **Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 227-243, jan/mar 2013.

RIGONI, A.C.C. **Corpo feminino e religião: implicações para a educação física escolar**. Revista Movimento & Percepção, Espírito Santo, SP, v. 10, n. 15, jul/dez 2009 – ISSN 1679-8678.

RIGONI, A. C. C. **Corpos na escola: (des)compassos entre a educação física e a religião**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, 2013.

RIGONI, A.C.C. **Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino: implicações para a Educação Física Escolar**. 162p. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RODRIGUES, J.C**. O corpo na história** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. Antropologia e saúde collection, 197 p. ISBN: 978-85-7541-555-9.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez editora, 2007.

Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/585245-transicao-religiosa-catolicos-abaixo-de-50-ate-2022-e-abaixo-do-percentual-de-evangelicos-ate-2032>
Acessado pela última vez em: 22/07/2021.

Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/externo/2019/12/09/O-crescimento-da-f%C3%A9-evang%C3%A9lica>
Acessado pela última vez em: 22/07/2021.

Disponível em: <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/index.php>
Acessado pela última vez em: 22/07/2021.

Disponível em: <http://www.cacp.org.br/analise-das-igrejas-evangelicas-no-brasil/>
Acessado pela última vez em: 22/07/2021.

Disponível em: <https://issuu.com/cassius.goncalves/docs/historia_dos_batistas-1>
Acessado pela última vez em: 22/07/2021.

Disponível em: <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21>
Acessado pela última vez em: 22/07/2021.

7 ANEXOS

7.1 Anexo 1

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1) Há quanto tempo você frequenta a PIB?
2) Já frequentou outras PIBs ou outras denominações? Quais? Por quanto tempo?
3) Se sim, por que mudou para a PIB? Quais são as principais diferenças que você nota entre a igreja que frequentava e a PIB?
4) Você gosta mais da PIB ou da igreja anterior? Por que?
5) Você acha que existe alguma restrição por parte da Igreja no modo como você se comporta fora da igreja? Se sim, que tipo de restrição? Se não, você se acha totalmente livre nesta igreja?
6) O que você faz no tempo de lazer? Joga alguma coisa? Pratica algum esporte?
7) Você vai para a academia de ginástica? Por que?
8) Você acha que cuidar do corpo é algo que desagrada a Deus? Por que?
9) A PIB é uma igreja que não nos impõe muitas restrições. Aqui a gente se sente livre. Mesmo assim, você acha que tem alguma coisa que se você fizesse seria malvista? O que? Por que?
10) Você acredita que existem práticas corporais/esportivas menos adequadas do que outras? Quais? Por que?
11) Você acha que esta percepção de que algumas práticas são menos adequadas te influenciou na escolha de experimentar novas práticas?
12) Tem alguma coisa que você faz ou gostaria de fazer que você não acha errado, mas mesmo assim, prefere que não seja público?
13) Você costuma passar o tempo livre, sair, fazer coisas mais com as pessoas da igreja ou com amigos de fora?

OBS: para aqueles jovens que já compartilharam algumas respostas no grupo de *whatsapp*, faremos perguntas específicas em relação às práticas mencionadas. Como é o caso, por exemplo, de uma jovem que mencionou, em conversa privada, que já praticou *poledance*, mas não quis relatar isso no grupo. Para ela e outros casos semelhantes, questionaremos o porquê de

preferirem não compartilhar com o grupo, explorando as questões da pesquisa.

7.2 Anexo 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Práticas corporais da juventude religiosa da PIB (Primeira Igreja Batista): uma análise na cidade de Vitória – ES”. Essa pesquisa faz parte do Projeto principal da professora e pesquisadora Ana Carolina Capellini Rigoni, do Departamento de Ginástica do Centro de Educação Física e Desportos da UFES, intitulado “Práticas Corporais e lazer evangélico especializado”. A pesquisa será desenvolvida pela aluna de Iniciação Científica, Rute Rodrigues Teixeira – RG 19.609.658 e CPF 106.862.137-00, aluna regularmente matriculada na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Nº de Matrícula 2017100490. Contato da pesquisadora (27) 99724-9369 e-mail: rteixeirarute@gmail.com

2. O objetivo da pesquisa é compreender e analisar as relações da juventude religiosa da PIB com as práticas corporais. O estudo busca compreender como os jovens da PIB elaboram sua relação com o corpo e as práticas corporais a partir da mediação da igreja. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFES constituído com base na resolução nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que trata das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas com seres humanos. O CEP – UFES “busca defender os interesses dos sujeitos de pesquisa em sua integridade e dignidade para contribuir com o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (regimento do CEP – UFES).

3. Sua participação será livre e espontânea. A pesquisa consistirá em responder algumas perguntas que fazem parte de um roteiro de entrevista. Esta entrevista será gravada em áudio, utilizando aparelho gravador celular, sendo posteriormente transcrita em papel para análise e apresentação dos dados coletados.

4. A entrevista será realizada em local de comum acordo entre você e a pesquisadora e terá duração máxima de 40 (vinte) minutos, sem ônus ou ressarcimento para você e para o pesquisador.

5. Em caso de algum tipo de desconforto antes, durante ou posterior à entrevista, esta poderá ser interrompida e/ou cancelada, a seu critério, sem qualquer forma de cobrança ou ressarcimento.
6. Não haverá qualquer forma de pagamento ou ressarcimento por parte do pesquisador ou da instituição à qual pertence (UFES) ao entrevistado por sua participação na entrevista.

7. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

8. As gravações de áudio serão armazenadas por dois anos após o período de apresentação final da pesquisa (julho/2020), sendo posteriormente destruída e inutilizada após esse período.

9. Todo conteúdo das entrevistas será de acesso exclusivo do pesquisador.

10. A sua identidade será preservada do início ao fim da pesquisa. Todos os nomes utilizados na análise de dados serão fictícios para assegurar a sua privacidade e de todos os envolvidos. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto de pesquisa e sobre sua participação, agora ou a qualquer momento com o pesquisador e com a instituição responsável.

Ao assinar este Termo, você declara que entendeu os objetivos, riscos e benefícios de sua participação na pesquisa e concorda em participar.

Nome:_____

Telefone: _____

Assinatura do participante: _____

Vitória, _____ de _____ de _____.

Pesquisador: Rute Rodrigues Teixeira
Telefone: (27) 99724-9369

_____
Assinatura